

Política, Filosofia Política e Sociedade. Uma leitura a partir do pensamento filosófico de Lima Vaz

Elton Vitoriano Ribeiro¹

RESUMO: A filosofia política e os temas de política aparecem no pensamento filosófico de Lima Vaz apenas de maneira marginal. Ele nunca se dedicou a pensar estes âmbitos em profundidade. Mas, dada a estreita relação da política com a antropologia e a ética, seu pensamento passou por temas políticos e possui grande potencial de influência em temas de filosofia política. Neste meu texto construirei a reflexão em três momentos: (1) apontando as diferença e relações entre política e filosofia política; (2) situando o pensamento político de Lima Vaz em seu percurso histórico e (3) caminhando além de Lima Vaz, buscar elementos filosóficos de uma possível posição política consciente.

PALAVRAS-CHAVE: Política. Filosofia política. Lima Vaz.

A filosofia política e os temas de política aparecem no pensamento filosófico de Lima Vaz apenas de maneira marginal. Ele nunca se dedicou a pensar estes âmbitos em profundidade. Mas, dada a estreita relação da política com a antropologia e a ética, seu pensamento passou por temas políticos e possui grande potencial de influência em temas de filosofia política. Neste meu texto pretendo, esquematicamente, apontar para estas interfaces e destacar caminhos fecundos para uma investigação futura sobre a filosofia política implícita de Lima Vaz.

Sabidamente, Lima Vaz percorre o caminho da reflexão filosófica no âmbito político a partir de uma cautelosa precaução. Ele diz, acerca da reflexão filosófica e sua importância prática para a política e a democracia: "Quanto a tornar concreta essa expressão [sua reflexão filosófica] na prática política das atuais democracias, é esse um problema que ultrapassa os limites da reflexão filosófica e que se propõe à iniciativa, à capacidade e à própria sensibilidade moral dos homens políticos". (LIMA VAZ, 1988a, p.22). A partir desta precaução, construirei meu texto em três momentos: (1) Apontando as diferença e relações entre política e filosofia política; (2) Situando o pensamento político de Lima Vaz em seu percurso histórico e (3) Caminhando além de Lima Vaz,

¹ Doutor em Filosofia e professor de Ética filosófica na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG.

junto com Ricoeur, buscar elementos filosóficos de uma possível posição política consciente.

1. Política e Filosofia política

Caminhando diretamente ao assunto, pode-se dizer que a política relaciona-se com tudo aquilo que: (a) diz respeito aos cidadãos, ao governo das cidades e aos negócios públicos e (b) é uma atividade humana orientada para o controle e o uso do poder nas organizações e no gerenciamento da sociedade. Sendo assim, teoricamente a política é uma organização racional, que tende a uma decisão, a partir da análise provável das situações, pensando e conjecturando quanto ao futuro. Por isso, ela "nasce com a tarefa de desvincular o exercício do poder como força ou como violência, assumindo esta tarefa na esfera legitimadora da lei e do direito" (LIMA VAZ, 1988, p.136). Ou, em outras palavras, "a arte da política, à luz da virtude intelectual da prudência, empenha-se na difícil e delicada tarefa de conciliar o possível com o melhor" (LIMA VAZ, 2000, p.83). A partir deste posicionamento surgem algumas perguntas para a reflexão filosófica, como, por exemplo: (1) Qual a natureza da política e sua particularidade diante de questões éticas, econômicas, jurídicas e religiosas?; (2) Qual a melhor forma de governo?

Diante deste posicionamento anterior a filosofia começa a fazer seu percurso elucidativo. Assim, a filosofia política será (a) a análise filosófica das relações dos cidadãos entre si e com a sociedade; (b) a análise das formas de poder e das condições em que o poder é exercido; (c) a análise das constituições, os sistemas de governo, e a natureza, validade e justificação das decisões políticas. Será também o estudo da natureza, validade e justificação das instituições coercitivas que compõem as sociedades desde as mais elementares como a família até as mais complexas como é o caso do estado nação.

Organizando melhor a reflexão, é possível argumentar que estruturalmente a filosofia política se preocupa com: (1) a origem da ordem política e seu fim; (2) o princípio de legitimidade e o critério de obrigação política e (3) as condições de possibilidade do melhor regime possível. Portanto, enquanto filosofia, a filosofia política é um esforço reflexivo, que busca encontrar categorias que iluminem e interpretem a contingência histórica da vida em sociedade.

Como apresentei no início, investigando o pensamento de Lima Vaz, podemos encontrar algumas pistas de sua perspectiva filosófica. A partir daí, ressalto que para ele, a filosofia política deve ser interpretada como ciência normativa da práxis comunitária onde o problema maior é o problema de uma razão do livre consenso. Livre consenso que pode acontecer na sociedade política, e que tem no problema do poder o fato social fundamental, imposto pelo próprio pacto implícito de associação que reúne os indivíduos em grupos estáveis (LIMA VAZ, 1988, p.135). A partir desta tarefa, a filosofia política terá que justificar num discurso filosoficamente coerente, isto é, racionalmente fundado, o projeto de uma existência consensual em torno do mais justo. Penso que não seria imprudente dizer que a perspectiva de Lima Vaz tem um forte acento clássico (Aristóteles e Tomás de Aquino) onde o mais justo, por definição, será também o melhor para a sociedade. Sendo assim, minha conclusão aqui é que a perspectiva de Lima Vaz quer compreender a filosofia política dialeticamente. Por um lado, articulando a visão grega que interpretava a política como uma atividade de caráter moral, como arte da conciliação e do acordo consensual, criando um espaço racional de busca do melhor possível. Por outro lado, dialogando constantemente com a compreensão moderna, mais pragmática, onde a política é entendida como lugar da

razão calculadora na arte de governar, voltada por sua vez, para a conquista e a conservação do poder. Aqui vale lembrar a importância de rememoração filosófica no pensamento de Lima Vaz. Sendo assim, é possível afirmar que, historicamente Lima Vaz dialoga com duas grandes perspectivas, a clássica e a moderna.

Na perspectiva clássica, a política é compreendida como espaço do razoável. Aristóteles, Tomás de Aquino e contemporaneamente Maritain são os nomes importantes. Para eles a política é a arte da conciliação, da resolução dos conflitos e o âmbito onde é possível criar espaços de acordos consensuais através da agregação cada vez maior a começar pela família que é a célula da sociedade. Para Aristóteles o homem é um animal político, racional e social que vive na cidade:

Visto que toda cidade é um tipo de associação e que toda associação se forma tendo em vista algum bem (porque todos os homens sempre agem tendo em vista algo que lhes parece ser um bem), resulta claramente que, se todas as associações visam um certo bem, aquela que é a mais alta de todas e engloba todas as demais é precisamente a que visa ao bem mais alto de todos; ela é denominada cidade (*pólis*), ou comunidade política (ARISTÓTELES, 2010, p.11, [I, 1252a]).

Também:

Fica clara, pois, a razão pela qual o homem é um animal político de modo superior a qualquer abelha ou a qualquer animal gregário. Dizemos, com efeito, que a natureza nada faz em vão. Ora, entre os animais somente o homem possui a palavra (*lógon*). É verdade que a voz (*phoné*) é sinal de pena e prazer, por isso se encontra nos outros animais (pois a natureza se desenvolveu a ponto de poderem significar uns aos outros a sensação de pena e de prazer); mas a palavra é apta para significar o conveniente e o danoso e assim também o justo e o injusto. Essa é a peculiaridade do homem que se distingue dos outros animais; somente ele tem a percepção do bem e do mal; do justo e do injusto e de outras qualidades desta natureza. Ora, é o ser-em-comum (*koinonia*) segundo tais qualidades que constitui a sociedade doméstica e a cidade. (ARISTÓTELES, 2010, p.13 [I, 1253a 7-19]).

Assim, para Aristóteles a *pólis* é uma realidade natural, que visa um bem determinado, a vida boa para o ser humano, no melhor regime, com a melhor constituição possível. Ela é uma realidade complexa constituída por relações interrelacionadas e interdependentes. Estas relações são classificadas em esferas: (1) Esfera socioeconômica: satisfação das necessidades; (2) Esfera do direito: leis, normas e justiça; (3) Esfera do poder político: autogoverno dos cidadãos, bem comum e (4) Esfera do sentido: ética, ser humano que busca a autorrealização, a vida boa.

A perspectiva moderna, por outro lado, entende a política como lugar da razão calculadora. Para Lima Vaz, Maquiavel, Hobbes e o jusnaturalismo moderno são os grandes nomes. Nesta perspectiva a política é compreendida como (a) técnica, sendo excluída qualquer tentativa normativa; (b) tendo como objetivo conquistar e, sobretudo, manter o poder e (c) que deve abandonar de toda teleologia. Por exemplo, brevemente, a perspectiva hobbesiana adota como paradigma a geometria. Neste paradigma tem como objetivo dotar o direito natural ou a moral de uma racionalidade como a da geometria. A razão, portanto, procederá segundo o modo *poiético*; construindo ou reconstruindo a realidade de acordo com duas formas: (a) Análise: que caminha do complexo ao mais simples e a (b) Síntese: que procede dos primeiros princípios à ciência. O ideal ético é a vida de acordo com as leis naturais. Ocorre, portanto, uma passagem: (a) do Estado de natureza, pré-político, lugar da luta da autoconservação, da luta de todos contra todos, reino da violência; para o (b) Estado da Sociedade onde acontece o pacto (contrato social) que é a passagem da liberdade do estado de natureza para o domínio da

sociedade civil. Esta passagem acontece, basicamente, pelo medo da morte. Ora, a partir do cálculo racional de interesse, para evitar a morte o pacto social instaura um poder artificial para garantir a paz e a sobrevivência de todos. Interessante notar que Hobbes adota uma reação *exopposito* a Aristóteles. Todas as categorias fundamentais que sustentam a ética teleológica do Bem (Aristóteles) são alvo da crítica radical de Hobbes que opera uma desconstrução (LIMA VAZ, 1999, p.293-310).

2. A perspectiva de Lima Vaz.

Neste contexto histórico, anteriormente narrado, a filosofia de Lima Vaz tem por objetivo a busca de uma síntese filosófica que, sendo uma supressão, encontra em Hegel seu principal pensador. Pensador que apresenta em sua filosofia o núcleo essencial do pensamento político moderno. (TAYLOR, 2005). Para Lima Vaz, Hegel busca de uma teoria do estado entendida como a forma da convivência humana na qual o homem pode conduzir uma vida conforme a razão. Por isso mesmo, na interpretação dele o pensamento hegeliano é "a mais importante teoria política do mundo contemporâneo" (LIMA VAZ, 2014, p.63). Importante ressaltar que o contexto histórico de Hegel é marcado por profundas mudanças culturais. A principal delas é a revolução francesa com seus ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. Para Hegel, ela se tornará um referente inquestionável para a humanidade. Neste contexto, a principal figura da filosofia política será a liberdade. Liberdade interpretada como conciliação entre: Liberdade subjetiva e Liberdade objetiva. Liberdade que se realiza por meio de diferentes estruturas institucionais: jurídicas, sociais, éticas e políticas. Estruturas presentes nas formas comunitárias de realização da liberdade: (1) Família; (2) Sociedade civil e (3) Estado. Este é o esquema hegeliano onde os momentos são: (1) Direito: esfera do direito abstrato; (2) Moralidade: autonomia moral e (3) Eticidade: formas comunitárias de realização da liberdade. Ora, a crítica que é feita ao intento hegeliano é que ele é potente teoricamente, mas foi efêmero historicamente. Depois de Hegel, divórcio entre filosofia e política foi consumando com Marx, Nietzsche e Heidegger.

Refletindo sobre o que articulei anteriormente, acredito ser importante argumentar agora que para Lima Vaz, ao pensar dialeticamente a filosofia política ele se vale de duas grandes influências: Aristóteles e Hegel. Dialeticamente, para Lima Vaz, a filosofia política é: (1) Tanto a visão grega que interpretava a política como uma atividade de caráter moral, como a arte da conciliação e do acordo consensual, criando um espaço racional de busca do melhor possível; (2) Quanto à compreensão moderna, mais pragmática, onde a política é entendida como lugar da razão calculadora na arte de governar, voltada por sua vez, para a conquista e a conservação do poder. Por isso, seu enfoque filosófico dialético será assim articulado: a filosofia política é uma (1) interrogação sobre a melhor constituição (clássico); atenta a (2) relação entre indivíduo e poder soberano (moderno), que tem na (3) democracia e nos direitos humanos seus conceitos principais. Daí sua constante pergunta: em que medida a constituição democrática da comunidade política pode ser dita a melhor constituição e em que medida ela permite uma definição mais abrangente e uma garantia mais eficaz dos direitos humanos? (LIMA VAZ, 1988a).

Em sua reflexão, Lima Vaz apontará para o caminho teórico de interpretação da sociedade política, articulando-o em três momentos.

O primeiro (1) momento é o momento social ou da satisfação das necessidades. É neste momento que encontramos a origem e natureza da sociedade, é o momento das relações de intersubjetividade. O tema da luta pela satisfação das necessidades deve ser tematizado e solucionado aqui, e nas sociedades contemporâneas é organizado a partir das relações de trabalho. É o sistema econômico como momento estruturante da vida social.

O segundo (2) momento, para Lima Vaz, é o momento político. Neste momento o tema importante é o reconhecimento do direito segundo a lei. Por isso, é fundamental na reflexão filosófica a discussão acerca da melhor forma de constituição para a comunidade política. Uma constituição que leve em conta a igualdade na diferença. Igualdade fundamental de cada ser humano, na diferença das realizações históricas de cada individualidade. Outro tema atual é o da liberdade de participação no estado de direito, estado democrático. Por isso, desde Aristóteles, na matriz conceitual do político, a temática mais importante é a discussão sobre ideia de justiça social e da melhor constituição. Como não poderia deixar de ser, o desafio é o da conciliação da justiça social com a racionalidade administrativa e com a eficácia do poder executivo.

Finalmente, Lima Vaz chama o terceiro momento de (3) democrático. Para ele este momento é um aprofundamento do momento anterior na direção de maior participação ativa e efetiva dos cidadãos no governo das cidades. Aqui o cidadão participa livremente na medida exata em que ele se faz presente no espaço político pela autodeterminação da sua liberdade. Por isso, para Lima Vaz, é o ápice do edifício conceitual do político no qual convergem as linhas da ética e da política. Reflexão que Lima Vaz reinterpreta a partir de sua herança aristotélico-hegeliana. Ora, é bom lembrar que, filosoficamente, a democracia é uma ideia reguladora, um alvo a ser perseguido pela razão política ao longo da história das sociedades ocidentais. Nas palavras de Tocqueville, a democracia se configura como o duro aprendizado da liberdade. Na reflexão de Lima Vaz, este aprendizado por ser perseguido na atenção ao (1) problema da satisfação das necessidades, ao (2) dever moral de igualdade política como direito ao reconhecimento no universo da lei e, finalmente, no empenho efetivo nas (3) tarefas do bem comum e da justiça social.

O assunto, por mim apenas esquematizado, poderia ser ainda muito discutido e completado. Agora, gostaria apenas de acenar para as agendas presente no atual cenário político mundial e que são experiências importantes para a filosofia política. Em todos estes pontos, estas agendas, o papel da filosofia política é ocupar-se: (1) da convivência humana e do agir humano na sociedade e (2) das produções histórico-institucionais das sociedades. Os debates, então, giram em torno dos seguintes temas: (1) Esquerda e Direita. Sendo a esquerda normalmente vinculada à igualdade e socialismo, e a direita à liberdade e capitalismo. (2) Liberalismo e comunitarismo. Por um lado, o liberalismo é uma teoria que considera a vontade individual como fundamento das relações sociais, defendendo as liberdades individuais em relação ao poder do estado, que deve ser limitado. Por outro lado, o comunitarismo é a teoria segundo a qual o indivíduo precisa estar integrado na cultura de sua comunidade. O indivíduo não deve ser desvinculado de suas raízes culturais representadas por sua história, valores e relações suscetíveis de integrá-lo socialmente e conferir um sentido à sua existência humana no mundo. (3) Multiculturalidade e interculturalidade. (4) Biopoder, biopolítica e psicopolítica. (5) Feminismo e questões de gênero. (6) Pensamento pós-colonial e descolonial. (7) Religiosidade moderna e secularização.

3. Elementos para pensar filosoficamente uma posição política consciente.

Caminhando com Lima Vaz, agora passo além de Lima Vaz com Paul Ricoeur. Faço isso na certeza de que as lições de Lima Vaz, no que diz respeito à filosofia política, encontram muitas interfaces com o pensamento de Ricoeur.

Começo com o que Ricoeur chama de "o paradoxo político". (RICOEUR, 1991, p.21-42). O paradoxo é, propriamente, a existência, no político, de (1) racionalidade e (2) violência como elementos constitutivos. O político é um empenho racional contra a violência que precisa, muitas vezes, da violência para ser eficaz. Ainda, a política acontece passo-a-passo, na prospecção, no projeto, no decifrar aleatório dos acontecimentos contemporâneos e na fineza das resoluções. Por um lado, se não é possível definir a política sem nela incluir o momento voluntário da decisão; por outro lado, não é possível falar da decisão política sem refletir sobre o poder.

O segundo tema é o da "linguagem política e retórica" (RICOEUR, 1991, p.161-175). Para Ricoeur, a linguagem política é retórica por essência. Esse é seu limite e sua grandeza. Como retórica ela está entre: (1) a argumentação racional, a demonstração; e o (2) sofisma, ou seja, o argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa. Está é a fragilidade da linguagem política. Linguagem que é exercício concreto de deliberação política. Deliberação que deve estar atenta à invencível pluralidade dos fins do bom governo e a indeterminação do horizonte dos valores. Para Ricoeur, uma boa retórica é possível.

Finalmente, Ricoeur reflete sobre as "tarefas do educador político" (RICOEUR, 1991, p.241-257). A pergunta é: como exercer honestamente uma ação eficaz de educação política? Em que nível da sociedade os educadores políticos podem ser eficazes? Num primeiro nível, percebe Ricoeur que o econômico é o primeiro momento, a partir do qual os grupos históricos se apropriam da realidade por meio das instituições. Neste âmbito temos uma pluralidade de experiências históricas. Em todas elas, o direito é normativo, mas será o político que terá a tarefa de exercer a decisão e a força para dar direção e finalidade à vida em sociedade. É o exercício do poder, novamente, como sendo essencial ao político. Mas, adverte Ricoeur, a história do poder é incerta, ela é o conjunto das oportunidades e dos perigos. Daí que a experiência política não é nunca uma experiência adquirida, progressão e regressão são possíveis, as mesmas pretensões, as mesmas ilusões, os mesmos erros podem se repetir em momentos diferentes da história.

Num segundo nível temos o plano da intervenção estratégica. Aqui cabe ao político preparar os homens para a responsabilidade da decisão coletiva. Neste nível a tarefa é dupla: (1) tornar visível a significação ética de toda escolha de experiência puramente econômica e (2) lutar pela construção de uma democracia econômica onde seja possível o maior número possível de indivíduos na discussão e na decisão. Apesar de, para Ricoeur, as relações entre ética e política serem sempre difíceis e cheias de armadilhas, é possível que a saúde de uma coletividade repouse, em última instância, sobre a justeza das relações entre política e moral.

Finalmente, o educador político deve manter viva uma tensão entre suas tarefas que na opinião de Ricoeur são: (1) a luta pela democracia econômica, (2) a oferta de um projeto para o conjunto dos homens e para a pessoa em singular e (3) a reinterpretação do passado tradicional, diante da ascensão da sociedade de consumo.

Para finalizar, nenhuma conclusão é fácil. Desejei apenas desenhar o âmbito de questões que povoam o pensamento de Lima Vaz e que podem fecundar uma reflexão em filosofia política. Além disso, como Lima Vaz, acredito que toda reflexão filosófica produz efeitos na realidade na medida mesma em que reinterpreta e propõe novas e mais profundas compreensões sobre os fenômenos, no caso aqui, o político. Âmbito de acirradas disputas, muitas vezes pouco racionais e justificadas, o político está entranhando em nossas vidas. Somos seres políticos e tudo o que diz respeito à política, diz respeito à nossa existência humana no mundo. E se alguém perguntar sobre a relevância prática de toda esta minha explanação, responderei como Lima Vaz no início de meu texto: tal pergunta ultrapassa os limites da reflexão filosófica. Mas acrescentarei, como Agamben, interrogado pela mesma questão, num momento de muita fragilidade da política italiana. Fragilidade, diga-se de passagem, como é o caso do Brasil de hoje. Agamben citou uma carta de Marx, sobre a mesma pergunta, em situações semelhantes, onde ele dizia: "as condições desesperadoras da sociedade em que vivo me encham de esperança" (AGAMBEN, 2012).

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, G. Entrevista "Deus não morreu, ele tornou-se dinheiro" (30.08.2012). IHU ONLINE, <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>, acesso 08/08/2017.

ARISTÓTELES, *Política*. São Paulo, Folha de São Paulo, 2010.

LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1988.

LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1999.

LIMA VAZ, H. C. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIMA VAZ, H. C. Democracia e dignidade humana. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.44, 1988a, pp.11-25.

LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

LIMA VAZ, H.C. *A formação do pensamento hegeliano*. São Paulo: Loyola, 2014.

RICOEUR, P. *Lectures 1: Autourdupolitique*. Paris: Éd. Du Seuil, 1991.

RIBEIRO, E. Filosofia para pensar e viver. *Cultura e Fé - Revista de humanidades*, n.144, 2014, p.59-67.

RIBEIRO, E. Uma leitura filosófica da cultura a partir do pensamento de H. C. Lima Vaz. *Pensando Revista de Filosofia*, n.9, 2014, p.75-95.

RIBEIRO, E. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo, Loyola, 2012.

TAYLOR, CH. *Hegel e a sociedade moderna*. São Paulo, Loyola, 2005.

